

SIMPÓSIO AT110

O CORPO DA MULHER NO CORPO DA LÍNGUA: UM FUNCIONAMENTO PROSÓDICO

SOUZA, Jessica Queiroz
UNEMAT
jessica.souza@unemat.br

NUNES, Silvia Regina
UNEMAT
silvianunes@unemat.br

Resumo: Este estudo é parte de uma pesquisa que analisa os discursos que circulam sobre a mulher nas redes sociais. Tomamos como objeto de análise os comentários relacionados a posts/páginas/matérias jornalísticas de/sobre mulheres. Ao analisar os comentários nas redes sociais, em específico os relacionados ao corpo da mulher, identificamos que a formulação verbal desliza em sua composição material e ganha corpo através do que se designa no funcionamento da linguagem como “Caixa Alta”. Nas condições de produção do discurso digital, é pela circulação discursiva que compreendemos a produção de um efeito de sentido, que denominamos de efeito prosódico. Esse funcionamento da linguagem dá visibilidade a uma redefinição da fronteira sintático-prosódica através da formulação em caixa alta, e (re)significa, no fio do discurso, um modo de formulação escrita que pode ser interpretada pelo sujeito-leitor/sujeito-autor como um grito. Sob o aporte teórico da Análise de Discurso (AD) fundada por Michel Pêcheux na França e redefinida por Eni Orlandi no Brasil, mostramos que são as condições de produção do discurso digital que permitem a observação desse funcionamento da “Caixa Alta”, uma vez que em outras condições de produção, tal efeito não se constitui com essas propriedades. Compreendemos que esse modo de funcionamento peculiar da linguagem, que tensiona a relação entre formulação escrita e oral, coloca questões acerca dos discursos sobre a mulher nas redes sociais.

Palavras-chave: Discurso; Formulação; Escritorialidade; Materialidade Prosódica

Abstract: The present study is part of a research that analyzes the discourses about women that circulate over the social media. We selected as matter to be analyzed the comments related to posts / pages / newspapers articles about / written by women. After analyzing the comments on social media, most specifically those related to female body, we identified that the verbal formulation drifts in its material composition and is embodied through what in the language functionalities is named “Capital Letters”. Through the conditions of production of the digital discourse, it is by the discourse circulation that we comprehend the production of a meaning effect, what we called prosodic effect. That language function enlightens a redefinition of the syntactic-prosodic frontier through the formulation in capital letters, and (re)signifies, on the discourse line, a way of written formulation that may be interpreted by the reader subject / author subject as yelling. Under the theoretical foundation of Discourse

Analysis developed by Michel Pecheux in France and redefined by Eni Orlandi in Brasil, we presented that the conditions of production of the digital discourse are what make possible the observance of the operation of the “Capital Letters”, once in other conditions of production, such effect is not constituted with the same properties. We understand this peculiar way of language functioning, that stretch the relation between written and spoken formulation, institute issues toward the discourses about women on social media.

Keywords: Speech; formulation; writability; Prosodic materiality

Introdução

O sujeito é instado a interpretar desde que nasce. Nas mais diversas condições de existência, somos provocados a atribuir sentidos a tudo que vemos, tocamos e sentimos. Por sermos seres simbólicos e constituídos em sujeito pela e na linguagem (ORLANDI, 2008, p.9), nosso desejo de formular palavras para descrever até mesmo a mais indescritível “coisa”, é, por vezes, suprida por instrumentos e formas diferenciadas de linguagem, sejam verbais, imagéticas, orais ou escritas. Busca-se materializar o imaterializável, colocar forma ao que até então é intangível. Dizer de modo completo um tudo que é da ordem do impossível.

Pensando nessa constitutiva e tensa relação entre forma/sentido, nos deparamos com alguns fatos de linguagem nas redes sociais, mais especificamente nos espaços de interlocução, que são os famosos comentários (GALLO e SILVEIRA, 2017). Em vários comentários observamos o modo como a composição entre forma e sentido demanda uma relação com a prosódia, e esse funcionamento nos demandou atenção.

A caixa alta é produzida por meio de uma formulação escrita, e, ao contrário do que a Gramática Normativa a define como para realizar um “destaque”, por conta das condições de produção do discurso digital esse funcionamento se mostra diferente. As letras maiúsculas ganham altura não só em sua forma, mas também no sentido, no qual se dá o que os sujeitos-usuários das plataformas digitais determinam como “grito”.

Analisamos, portanto, comentários produzidos sobre a mulher, em uma matéria jornalística da plataforma G1, e o modo como a formulação da caixa alta produz diferentes efeitos, se comparados ao que preconiza a Gramática

Normativa. Trata-se de uma pesquisa em andamento, e, por isso, aberta a sugestões e novos encaminhamentos.

1 . O G1 como espaço de (inter)locação

Um dos comentários que nos motivou a realizar esta análise, foi recortado do *site* de notícias do G1, o qual apresenta uma matéria jornalística sobre uma bióloga brasileira que ganhou um prêmio global de ciência. Na matéria, a entrevistada conta como a pesquisa se dá de forma árdua, destacando o fato de ser mulher, mãe e dona de casa.

Partindo da descrição sobre a vida acadêmica e pessoal da bióloga, a matéria mostra o percentual das mulheres atuantes na ciência, que em relação aos homens se mostra bem menor. Em meio aos índices que são demonstrados e até mesmo em relação à própria vencedora de tal prêmio, o que nos chamou a atenção foram os comentários depreciativos sobre a mulher, de maneira geral.



Figura 1 - Disponível em <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/foi-voce-que-escreveu-isso-conheca-biologa-brasileira-que-ganhou-premio-global-de-ciencia.ghtml> . Acesso em 04/04/2019.

A maioria dos comentários produzidos na página é de ofensas às mulheres, de cunho machista. Um dos primeiros comentários que selecionamos para análise, até pela quantidade de reações negativas e positivas, é produzido por um sujeito-comentador identificado como Van Son:



Van Son

HÁ 3 MESES

Sempre querem levar pro lado de vitimização, de "machismo" e todo esse bla bla bla... essa dentre muitas outras áreas AS MULHERES SIMPLEMENTE NÃO SE INTERESSAM, não é preconceito nem nada, com0 existem muitas áreas onde as mulheres são maioria absoluta... esse papinho de feminista já deu no saco!!!! Querem sempre dividir, colocar pessoas contra outras pessoas, hj em dia é a demonização do homem, branco e hétero!!!!



A fim de exemplificar o funcionamento da Caixa Alta nas redes sociais, para colocar em relação com o comentário da matéria jornalística, mostramos alguns memes que circulam internet:



Figura 2 - Disponível em : <https://adrenaline.uol.com.br/2012/06/28/19621/feliz-dia-do-caps-lock-internet/> Acesso em 04/04/2019



Figura 3 - Disponível em: <http://imgs4facebook.blogspot.com/2014/01/tira-do-caps-lock.html> Acesso em 04/04/2019

De acordo com os memes acima, podemos ter uma noção do funcionamento produzido pela caixa alta (Caps Lock) nas redes sociais e sua interpretação como um grito. Na figura 1 temos o meme com o enunciado “ O Caps Lock é mais ou menos assim..”, mostrando na imagem um rapaz com um megafone simbolizando a caixa alta, ou seja, “gritando” no ouvido da moça, que recebe essa o efeito dessa caixa alta.

Na Figura 2, o enunciado “Tira do Caps Lock” pra falar comigo!”, se relaciona à imagem do filme brasileiro Tropa de Elite, no qual o personagem principal, Capitão Nascimento, parece ser o sujeito que enuncia, o que nos dá mais ênfase pelos gestos faciais e corporais de estar sendo encenada uma discussão, lugar que geralmente o grito acontece.

Voltemos para o comentário que nos trouxe até aqui, no qual o sujeito-comentador, denominado como Van Son, produz sua queixa sobre a matéria do G1:

“AS MULHERES SIMPLEMENTE NÃO SE INTERESSAM”, esse é o enunciado em “destaque” pela caixa alta, no início do comentário, o comentador marca, através da caixa alta, seu posicionamento sobre a matéria, colocando como uma forma de “vitimização” sustentada no machismo o assunto tratado. Além disso, o comentário define a posição da mulher, produzida pela entrevista, como blábláblá e conclui que se não há mais mulheres cientistas em determinadas áreas é porque elas não se interessam, e isso não é preconceito. O comentário ainda coloca que essa posição da mulher, produzida pela matéria jornalística, produz uma divisão social que coloca as pessoas umas contra as outras e que é “esse papinho de feminista” produz a demonização dos homens brancos e héteros.

Da formulação desse comentário, podemos compreender a posição em que se inscreve o sujeito-comentador, que é a da misoginia (ódio, desprezo e preconceito em relação a mulheres), instituída pelo patriarcado ao longo dos anos. As marcas de negação, como em “não é preconceito nem nada” mostram que essa posição misógina se constitui na contradição entre a formulação linguística da negação e uma memória discursiva que retorna pela afirmação de que há sim um preconceito histórico de base misógina que afeta as mulheres em suas diferentes posições, inclusive a de cientista. Conforme Nunes (2017), “a língua, em sua incompletude constitutiva, mostra a formulação linguística da negação condensada nas oscilações, oposições, disjunções”.

2. Compreendendo o efeito prosódico nos espaços de interlocução

Conforme já aludimos, a formulação em caixa alta ganha corpo através das condições de produção do discurso digital. Esse funcionamento marcado na forma gráfica da língua extrapola e rompe a convenção gramatical e ganha corpo na especificidade da formulação escrita, uma vez que o efeito de leitura produzido joga com a relação equívoca entre palavra grafada e sonoridade, construindo um efeito prosódico numa formulação escrita. Vale destacar aqui o que aponta Vinhas (2017), que discutindo sobre as materialidades, dá ênfase à uma em específico:

[...]há lugar para se pensar sobre algo próprio da oralidade, sem a qual a constituição do sujeito estaria afetada. Trata-se da materialidade prosódica, compreendendo-a como constituinte linguístico acima da linearidade da sentença, apreensível somente na oralidade. (VINHAS, 2017, p.208)

Articulando as questões levantadas pela autora juntamente com a nossa pesquisa, compreendemos que a caixa alta apenas produz o efeito prosódico, que é apreensível na realização da leitura, justamente pelas condições de produção das plataformas digitais. Pois, é por meio desta que conseguimos identificar essa produção de um “tom de voz elevado”, o grito, pois para que isso ocorra é necessário muito mais que as marcas já estabilizadas pela prosódia e suas funções suprasegmentais.

Nas plataformas digitais, especificamente nos comentários, se constitui o espaço no qual o sujeito se posiciona, um meio de se sobressair e de marcar posição defendendo seu ponto de vista. Essa possibilidade de dizer livremente, produzindo o efeito de uma entonação que simula uma forma de dizer com maior potência vocal se constitui por meio das letras maiúsculas, nos entremeios das minúsculas, pois *não importa o nível ou categoria das unidades, nessa perspectiva, importa o funcionamento delas no discurso* (ORLANDI, 1996 p. 118).

A relação entre função e funcionamento traz para o bojo da compreensão sobre a noção de língua aquilo que Pêcheux e Fuchs (1997)

designam como a materialidade da língua. Essa materialidade constitui-se a partir da noção de funcionamento “no sentido saussuriano” (PÊCHEUX e FUCHS, 1997, p.172), em oposição à ideia de função. Essa compreensão ancora-se e legitima o deslocamento proposto por Saussure quando funda a noção de sistema linguístico, pois a noção de sistema propõe um deslocamento de “função” da língua (de expressar o sentido; instrumento de comunicação) para mostrar seu funcionamento.

Orlandi (1996) explica a relação diferencial entre função e funcionamento, afirmando que o que importa é destacar o modo de funcionamento da linguagem, sem esquecer que esse funcionamento não é integralmente linguístico (se assim fosse seria a função da língua), uma vez que dele fazem parte as condições de produção, que representam o mecanismo de situar os protagonistas e o objeto do discurso. Ou seja, a possibilidade de compreensão da caixa alta enquanto grito se dá a partir da observação de seu **funcionamento** através de posts, memes e comentários, pois fora das plataformas digitais a caixa alta teria apenas a **função** de marcar a entonação ou um destaque.

Considerações (quase) finais

Como dissemos inicialmente, a pesquisa está em andamento, porém, com o que temos até aqui, podemos dizer que conseguimos compreender o modo como a formulação em “caixa alta” se constitui pela e na diferença entre função e funcionamento. O comentário que trouxemos, que mostra esse funcionamento prosódico, nos permitiu realizar mais perguntas do que respostas:

Quando a caixa alta se realiza, o comentário no seu todo fica em função dessa “caixa alta”?

O modo como essa caixa se sobressai, apaga os comentários restantes?

A “caixa alta” operando o grito, evidencia mais um gesto de violência contra a mulher nos espaços das redes?

Esses são alguns questionamentos que ficam a partir deste trabalho, e que darão sequência em nossa pesquisa.

Referências

NUNES, Silvia. Violência sexual em mulheres durante a ditadura civil-militar no Brasil: o testemunho e a negação. In Zoppi Fontana, Mônica G./Ferrari, Ana Josefina (Orgs). **Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, S.P.:Pontes; 1996.

PÊCHEUX, M. e C. FUCHS A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F. e T. HAK (Org.) **Por uma análise automática do discurso** – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani *et al.* Campinas: UNICAMP, 1997, p.163-253.

VINHAS, Luciana Iost. É possível pensar em uma prosódia discursiva?. In: **Linguagem & Ensino**. Pelotas, v.21, n. esp., [VIII SENALE] p. 187--221, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15200>